
LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DO INTELLECTUAL TRISTÃO BARROS – CURRAIS NOVOS 1920-1930

Prof^ª Dr^ª Eva Cristini Arruda Câmara Barros – UFRN
evabarros@natal.digi.com.br
Joedson Weslly de Medeiros Batista - UFRN
joedsonufrn@yahoo.com.br

O dialogismo decorrente do encontro entre leitor e escritor por intermédio da obra literária deixa ver o desafiante processo de construção da significação textual. A perene novidade é a oferta do (re)conhecimento do outro existente em outra esfera temporal, cuja verve intelectual, conduz, pela escrita, representações do meio circundante. Saberes adquiridos cumprem essa função, sejam os de natureza cognitiva, especialmente os linguísticos, sejam os advindos de experiências configuradas de esquemas intelectuais incorrados (CHARTIER, 1990). Por isso, o descobrimento de outras realidades pela leitura subjaz na essência do ato de escrever seu principal objetivo, ou seja, essa descoberta. Nessa perspectiva, este trabalho pretende apresentar uma leitura das crônicas do escritor paraibano Tristão Barros (1896-1936) publicadas na revista literária *Ninho das Letras* (1925-1927) e nos jornais *O Porvir* (1926-1927) e o *Galvanópolis* (1931-1932), cujo período corresponde ao que ao residiu na cidade de Currais Novos, na região do Seridó Norte-Rio-Grandense. Consideramos esses periódicos como dispositivos discursivos que conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – como as amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Conforme Sirinelli (1996, p.249) “(...) uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade (...)”. Essa presença de fatos corriqueiros da vida de indivíduos em um momento específico caracteriza bem a crônica. Também,

uma outra particularidade da crônica é servir como instrumento de estudo histórico, graças ao qual podemos estudar hábitos, costumes, dizeres, a técnica empregada, enfim, aquilo que diz respeito a uma determinada época (...) aponta, portanto, para uma possível leitura e compreensão da história do tempo e da sociedade na qual ela foi produzida. (SANTOS; HOLANDA et. al., 2010, p. 174)

Privilegia-se, assim, escritos de uma Currais Novos pensada por um intelectual que se associara aos ideais modernidade. A educação, como elemento fundante desse projeto de

sociedade, neste estudo, angaria uma sessão especial pela forma como Tristão teceu-lhe considerações. Ao final, cidade e autor parecem caminhar *pari e passu*. Parecem galgar trajetórias ascendentes. De Tristão, sabemos haver galgado postos elevados. Na esfera pública, por exemplo, lhe foi confiado o posto de Intendente Municipal. Na privada, adquiriu reconhecimento profissional e prestígio social. Por sua vez, a cidade viveu seus de transformação. A importância de tais escritos justifica-se, portanto, por advirem de um pensador que nos sugere haver incorporado a causa de uma sociedade em nítido processo de mudança num espaço-tempo determinados. A partir do olhar que Tristão Barros lança sobre a educação e o modo como a concebe, bem como a postura de estima que denota para com essa cidade, tencionamos desenvolver a leitura da obra como representações da sociedade curraisnovense na segunda metade dos anos 20 e início dos anos 30 do século XX.

Assim, como objeto de estudo, temos as representações produzidas por Tristão Barros compreendidas como usos e costumes e pensamentos de uma época. Nesse sentido, este estudo dá destaque ao que materialmente legitimou a nova racionalidade social curraisnovense – como ordenamento urbano, escola graduada, iluminação pública, imprensa, higiene pública, maquinários - advinda com os ideais de modernidade e sua influência no homem moderno, tanto nas grandes metrópoles como nas pequenas cidades do interior de nosso país. Vislumbramos neste sentido o “texto da crônica como objeto de estudo de um momento peculiar da literatura no Rio Grande do Norte, em que os registros literários dão conta de um dos processos de modernização da sociedade.” (SANTOS; HOLANDA et. al., 2010, p.182). Contudo, dispensou-se desdobrada atenção para se considerar essa sociedade em sua particularidade, qual seja, a de ser marcada pela confluência do que conseguiu pontuar em termos de modernidade, bem como pelo arcáico e tradicional não desfencilhados.

Se considerarmos a oferta da compreensão de um determinado homem em um tempo e lugar, próxima à realidade comum de indivíduos situados no mesmo corte temporal, há de se convir que facilita o entendimento de vidas. É o caso de se reafirmar que,

Ler é encontrar outros mundos, tentar compreendê-los e articulá-los a uma cosmovisão pessoal que se modifica no encontro com o outro. (...) o domínio da memória se interpõe como um tempo que estabelece a perenidade da vida, garantia do vivido e indicação de que o passado vive no tempo de agora. (SANTOS; HOLANDA et. al., 2010, p.8).

Nesse sentido, o esforço é para se escapar de figurinos de uma literatura e de uma história onde só cabem enquadramentos. Nessa literatura, Tristão Barros e sua modernidade pensada não teriam vez. Buscamos, sim, fontes de compreensão próximas produzidas por autores que souberam fazer uma leitura local sem, no entanto, perder de vista o movimento mais geral. Como diz Le Goff (1990, p.7), “o interesse no passado está em esclarecer o presente, o tempo da memória não implica uma simples reafirmação do que se passou; é também reconstrução do acontecido, elucidação de pontos obscuros de nossa história”.

Modernidade: um caleidoscópio existencial

A modernidade em pauta é a focada na perspectiva dos anos que abrangem o período entre 1920 a 1930. Seu protagonista é o homem moderno. Aos olhos dos estudiosos da literatura, especialmente os da crítica sociológica, esse sujeito é um indivíduo recortado por múltiplos dizeres representativos com particulares influências. Na base do amálgama do pensamento composto de contraposições, seja por paradigmas da modernidade citadina, seja por tradicionais concepções de um povo trabalhador e sobrevivente do mundo rural conservador, vemos perduram tradições patriarcais de uma elite branca, latifundiária e coronelista. Herschmann e Pereira (1994), em sua obra “A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30”, ao falarem dos elementos divergentes da vida no Brasil moderno, mostram que “(...) os anos 20-30 testemunharam desde o anarquismo irônico da Semana de 22 até a sisudez autoritária de Estado Novo. (p.29-30)”.

Faz-se necessário nas pesquisas em literatura o desvendamento dessas influências no escritor, pelos estudos da sociedade, da política, da economia de sua época, os pensamentos que dominavam a grande maioria da população e os novos pensamentos tidos como revolucionários contrapostos aos já firmados pela opinião pública, rupturas com as velhas formas de se conceber a vida e os modos de relação entre o homem com seu próximo e com o meio que o circunda. Para compreender um pouco mais do que se passou neste contexto sócio-histórico, Lucia Helena (2003) diz que

a modernização de nossa sociedade, se assim podemos dizer, começaria por volta dos anos 20, nas transformações do mundo rural e oligárquico em contato com as novas formas de aplicação industrial e monetária do capital. Essa nova sensibilidade é veloz, baseada no choque e na fragmentação dos laços culturais herdados e será

muito mais nítida nos centros cosmopolita, embora se irradie para outras áreas. (p. 12)

A produção literária como fonte perene de imagens do passado, ou melhor, de lembranças, memória que serve de retrato para o reconhecimento do já vivido na história de um povo “é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. Assim, (...) a memória é a garantia de nossa própria identidade” (CHAUÍ, 2002, p.125).

Em Tristão Barros (1896-1936) observamos a imagem do homem intelectual capaz de representar em sua escrita ficcional os seus variados mundos, bem como a construção de si mesmo, de sua identidade. Ambas se apresentam com uma verossimilhança que beiram a representação real do dito por indivíduos ficcionais, heterônimos, representativos dos diversos ambientes por onde o autor viveu e conviveu com pessoas que o impactaram – o povo rústico do campo, com suas crenças, hábitos, cultura, tradições, bem como, os habitantes da cidade, conhecedores dos novos e revolucionários ideais de um mundo que se constituía e se consolidava como padrão. “A noção de um conflito presente que deva se resolver numa nova ordem futura dá lugar a uma aceitação ‘inevitável’ dos conflitos entre diferenças, entre discursos concorrentes e contraditórios.” (HERSCHMANN & PEREIRA, 1994, p.10). Essa aceitação, mesmo que inconsciente, sugere que levou Tristão a desenvolver uma escrita fundamentada na pluralidade ficcional de autores e narradores singulares em seus modos de viver, em suas aspirações, em suas falas, díspares do próprio ser autor, gestante de mentes dessemelhantes, produtoras de imagens da sociedade curraisnovense nas suas mais diversas particularidades sócio-político-culturais.

A polifonia, pluralidade, evidenciadas nos escritos de Tristão Barros leva-nos inevitavelmente a pensarmos no escritor lusitano Fernando Pessoa (1888-1935). “A sua obra, (...), é uma literatura inteira, isto é, um conjunto de autores a que ele chamou os seus <<heterônimos>>, cada um dos quais tem um estilo e uma atitude que os distingue dos mais.” (SARAIVA, 1999, p. 142). Assim, entendemos que há uma possível correlação entre o fenômeno heteronímico e a pluralidade de pensamentos advindos com o paradigma da modernidade e sua imposição na reestruturação na engenharia das cidades, na saúde pública e na educação nos anos 20 e 30 (HERSCHMANN & PEREIRA, 1994) e seu embate com os pensamentos conservadores de uma sociedade tradicionalista.

Mesmo estando separados pelo Atlântico, distanciados fisicamente e lembrando-se do nível diferenciado sócio-economicamente entre Portugal e Brasil, Tristão Barros e Fernando Pessoa, são sujeitos formados nesse período da história – a modernidade – e sua literatura inspira a alma do homem moderno, seu contemporâneo. Essa confluência entre literatura brasileira e lusitana leva-nos a “literatura mundial para a qual todos os escritores colaborariam, a concepção da literatura como uma totalidade, dinâmica e interativa” (CARVALHAL, 2003, p. 71). Aconteceu literatura nos grandes centros urbanos de nosso país e do mundo, mas, além desses, foi produzido literatura, e, assinale-se: houve literatura de boa qualidade nas regiões interioranas, quase rurais ou até mesmo rurais, com escritores cosmopolitas imbricados pelas aspirações coletivas do povo em suas diversas escalas sociais e culturais.

Ressaltamos que Tristão, diferentemente de Pessoa, não produziu textos biográficos representativos do lugar de origem, da data de nascimento, dos níveis escolares e de outras características que davam aspecto de realidade à vida dos heterônimos do escritor português “A constituição dessas comunidades interliterárias é de natureza múltipla, condicionada por fatores variados, que podem ser geográficos, políticos, linguísticos, de proximidade, de parentesco ou mesmo de analogia de procedimentos artísticos.” (idem, *ibidem*, Melhor o nome do autor,,p. 84). Das análises das crônicas escritas por Tristão e assinadas por seus autores imaginários, percebemos suas particularidades de pensamento, de origens e contextos onde estão situados. Desse modo compreendemos ser impossível caracterizá-los somente como pseudônimos. Eles são representativos da pluralidade de indivíduos presentes na coletividade do eu-Tristão.

O escritor português Fernando Pessoa é reconhecido mundialmente por apresentar em sua obra os seus “heterônimos”, ou seja, autores com estilos e atitudes que os distinguem uns dos outros e do próprio autor. Seus principais heterônimos – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis – podem por algumas de suas características relacionarem-se com os narradores heteronímicos de Tristão. Por exemplo, K. Zuza e Alberto Caeiro são ambos filósofos bucólicos, pensadores, encontrando o motivo de sua felicidade na vida simples e sossegada do campo; Cléto Jatobá e Álvaro de Campos são sujeitos modernos e inquietos com toda a gama de novas ideias e estilos de vida pautada na ordem da urbe, e, algumas vezes, conflitados por questionamentos do mais íntimo e segredo dos seus seres; e TOB JIM e

Ricardo Reis, revelam-se amantes da razão, do conhecimento, realistas e descritivos. Será esse modo de proceder uma artimanha da habilidade de escrita de certos literatas?

O real nas máscaras e a ficção no rosto

As pesquisas acerca de Tristão Barros ainda não responderam a algumas perguntas que foram surgindo durante os nossos estudos, principalmente, os que se referenciam a proximidade com a literatura de Fernando Pessoa. O que nos intriga são as semelhanças ao desenvolver sua ficção ao modo do escritor lusitano. Mais intrigante ainda é hipótese de Tristão não ter sido leitor de Fernando Pessoa, apesar da contemporaneidade. O primeiro viveu de 1896 a 1936, o segundo de 1888 a 1935.

Sabe-se que a literatura pessoana, tencionando apresentar a ficção e seus autores como reais, usou de procedimentos artísticos que a singularizaram até então na literatura de seu tempo. Como exemplo, destaque para os momentos em que os heterônimos mostram opiniões divergentes uns dos outros e até mesmo do próprio Pessoa, escrevendo textos em jornais criticando os ideias de seus irmãos ficcionais e de seu próprio idealizador: “‘O que em mim sente está pensando’ (...) assim em Pessoa qualquer estado emocional é logo forma dialéctica, é logo acto não filosofante, mas pensante.” (SARAIVA, 1999, p. 143). É essa ação de sentir e ser transmutado em pensamento que dá vida ao sentimento e o transforma em pensamento, ou melhor, em indivíduos com pensamentos díspares, com seus modos dessemelhantes de ver o mundo e de viver nele.

Aproximando-se ao fazer literário pessoano, Tristão também produz em suas crônicas momentos de extrema representação heteronímica. É como se seus heterônimos saíssem da ficção e se apresentassem a realidade da vida curraisnovense...

A propósito vou te contar o que vi, ha poucos dias, quando estive ahi. O Tristão e o Peixe coversavam em tom baixo, na porta de uma bodega. Eu que cortava fumo, na ponta do balcão, para gosar saborosas baforadas no meu cereja de canudo longo, ouvi estas palavras. (K. Zuza. **Cartas da Serra VIII**. O Porvir, 19 jan 1928, pg. 1-2.)

Esta citação apresenta K. Zuza, um dos heterônimos de Tristão Barros, ao escrever uma de suas cartas da serra para seu amigo Semião. Nesta carta, ele descreve o momento em que esteve na cidade de Currais Novos e seu encontro com Tristão e com Peixe. O que

impressiona neste fragmento é o fato do heterônimo entrar em contato com seu criador, transmitindo uma verdade tão convincente de sua existência.

Outra citação que bem exemplifica a capacidade inventiva de Tristão é a passagem em que Cleto Jatobá – outro heterônimo – crítica os colaboradores anônimos do jornal em que escreve, taxando-os de desocupados

Caros leitores, eu me refiro é aos anônimos do “Galvanópolis”. Aos colaboradores que escrevem besteiras de todo tamanho, escondidos no manto negro de um pseudônimozinho monosílabo, disílabo, trissílabo, sem que ninguém os conheça. (...) Temos ainda o TON, de braço dado com o N. Estes dois camaradas, no ‘Copiador de uma jovem’, já vão na quarta *etaipa*. (**LAPUADAS: Colaboradores anônimos. Conceitos de um vencido. Desocupados.** O Galvanópolis, 25 out., 1931, p. 4.).

A multiplicidade do Um faz com que o próprio ser, outro gestado, se identifique na posição de crítico de seu próprio criador. Cleto Jatobá, sendo a máscara, mascara a sua existência tornando-a próxima a realidade, daquele que o trouxe à vida: “A máscara é o não-Ser, o Nada. A passagem do Ser à máscara, e a volta da máscara ao Ser seria um *devoir*. Mas a passagem da máscara à máscara é a perpetuação do Nada, a infinitização da alteridade.” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 37). Nessa perspectiva, Tristão faz do Outro, realmente, um outro, dotado de características e pensamentos que o distingue, sendo a necessidade da divisão existencial a prova de que o uno precisa para se tornar pleno, distante de suas contradições. Cada heterônimo com uma parte significativa do ser antes uno. Sua pluralidade lhe confere uma possibilidade para ser mais coerente, menos paradoxo: “Sou variadamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).” (PERRONE-MOISÉS, 2001, p. 25). O embate entre personalidades dá lugar a diferentes visões expressas no fazer literário.

A educação sob o olhar do intelectual

No contexto da modernidade, a educação produz um impacto na vida dos homens e mulheres, da mesma forma como a visão impactaria a vida daqueles que não enxergam. Esse é o princípio norteador da importância da educação para o desenvolvimento das pessoas e de suas vidas segundo o olhar atento de Tristão Barros. É recorrente em seus textos essa metáfora do cego para representar o privado de acesso a educação. Lemos em T.B., mais um dos heterônimos de Tristão, a seguinte afirmativa

O melhor bem da vida é a faculdade da visão. O cego é um eterno encarcerado. O ignorante é um cego também, um prisioneiro, então. Ele enxerga porém não vê e é melhor ser cego de nascença do que nascer enxergando e morrer sem ver nada. (**Rabiscos**. Revista Ninho das Letras, nº 4 e 5, 1925, pg. 23)

O cárcere que aprisiona o ignorante faz dele um cego ainda mais prejudicado do que o próprio cego de nascença. A cegueira intelectual leva a pobreza e a condição de miséria que muitos indivíduos se submetiam diante dos senhores de terra – os coronéis – que na sua maioria estendiam a mão para dar esmolas e por isso eram vistos como “pais dos pobres”. A falta de educação só propicia a permanência dessa estrutura de dominação e relação de poder. A condição dos sobreviventes das regiões pobres mais distantes dos centros urbanos é exemplar em O FILHO DA SERRA. Nesta crônica, Tristão da voz a K. Zuza, seu heterônimo, para ser um homem que vive na serra e vivencia as agruras do isolamento e do descaso dos governantes para com seu povo:

Aqui tudo é rico
E eu sou tão pobre que até faz dó.
Estão olhando meu paletot?
Quem m'ó deu foi Chicó
Meu irmão maior.
Elle também me deu dinheiro
Para eu comprar pão,
Mas eu prefiro então
Acho melhor
Comprar primeiro
Livrinhos
Que tem figuras
As criaturas
Pobres assim como eu e meus irmãosinhos
Que nunca podem frequentar escolas,
São como ceguinhos
Que vivem de esmolas.
(**O Porvir**, 31 mai 1927, pg. 2)

Há nesses escritos o princípio democrático norteador. Há a necessidade de levar a educação para todas as classes sociais. Dessa feita, o pensamento é de Cleto Jatobá. Ao se deparar com uma cena de jovens desocupados a noite, sentencia:

(...) lembro uma providencia cabivel, afim do governo munipal evitar a ruina completa destes jovens. Uma escola noturna, OBRIGATORIA seria o unico remedio. Não sei si será crime no Brasil uma escola obrigatoria. E si o for a propria lei ampara o delito. Diz o § 1º do artigo 32 do cod. penal do Brasil: “não serão criminosos os que praticarem o crime para evitar o mal maior”. E uma escola obrigatoria está no caso. (**Lapuadas**. O Galvanópolis, 22 nov 1931, pg. 4.)

Esse ideal de uma escola obrigatória remete a dois conceitos: primeiro, o de escola como representação maior do espaço moderno, destinada a adequação do pensamento aos novos padrões estabelecidos pela vida moderna “a educação (conformando as ‘mentalidades’)” (HERSCHMANN & PEREIRA, 1994, p.13), e o segundo, a obrigatoriedade, ao conceito que se difundiu em muitos grupos de pensadores na época que acreditavam ser necessário um Estado forte, “Mesmo quando tratava da revolução, o positivismo não abandonava o pilar da **ordem** que se projetava para o futuro.” (grifo nosso) (idem, ibidem, p.25).

Em K. Zuza, há, ainda, uma passagem reafirmadora da sua postura de repulsa à ignorância, ao saber prático desprovido de elaborações intelectuais, conceituais, sistematizadas somente corrigido pela escola:

A fraqueza intelectual de nós que moramos aqui nas brenhas, não nos permite escrever aos jornalistas. (...) Pugnar pela desanalfabetização de sua terra, é a mais gloriosa das cruzadaz. (**Cartas da Serra “II”**. O Porvir, 10 jul 1927, pg. 2.)

Se este fragmento é uma crítica à problemática da falta de educação escolar, mais ainda, à ausência dessa na área rural que K. Zuza entende desprovida de qualquer símbolo da modernidade. Assim, tal como muitos intelectuais de sua época, K. Zuza dá à aquisição escrita, ao saber escolar, particular importância. Sua escrita atina. Entende que se trata da nova forma cultural, pedra angular na qual se assenta a modernidade. Ao haver proclamado como a “mais gloriosa das cruzadaz”, qual seja, a luta pelo ensino, pela escrita, K. Zuza ajudou, em seu tempo, colocar Curráis Novos na ordem do dia.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CARVALHAL, T. F. Intertextualidade: a migração de um conceito. In: _____. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- HELENA, L. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série princípios).

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlo A. M. **A invenção do Brasil moderno:** medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

O GALVANÓPOLIS. Currais Novos/RN, 1931/1932

O PORVIR, Currais Novos/ RN, 1927/1928.

PERRONE-MOISÉS, L. **Fernando Pessoa:** além do eu, além do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REVISTA NINHO DAS LETRAS. Currais Novos/RN, 1925/1927.

SARAIVA, A. J. **Iniciação à literatura portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, D.; HOLANDA, L.; CABRAL, V. e DUARTE, Z. (orgs.) **Trama de um cego labirinto: ensaios de literatura e sociedade.** João Pessoa: Ideia, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais.** In: Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.